

ANTÓNIO DE OLIVEIRA (2013).

Antiquarismo e História: para a História da Historiografia (séculos XVII-XXI).

Coimbra: Palimage / Centro de História da Sociedade e da Cultura, 496 pp.

A História da Historiografia tem tido entre nós uma relativamente limitada expressão investigativa e uma predominante expressão ensaística. Mas este panorama pode estar em vias de alteração, e apontem-se — até no receber e prolongar da lição de *pais-fundadores* como Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011) ou A. H. de Oliveira Marques (1933-2007) — Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes, Fernando Catroga, Sérgio Campos Matos, Carlos Maurício, João Paulo Avelãs Nunes, Isabel Ferreira da Mota, Francisco Azevedo Mendes e, entre os mais jovens, Eurico Dias, João Couvaneiro, Hugo Doreis ou Nuno Magarinho Moreira, entre outros. Saliente-se também que esta área tem estado a conhecer a atenção veterana de historiadores alhures consagrados, do agora recenseado a Joaquim Romero Magalhães, a Maria Helena da Cruz Coelho ou ao autor destas linhas. A edição, para já *on-line*, de um *Dicionário de Historiadores Portugueses*, com direcção do quarto dos autores anteriormente referidos, bem pode ser a expressão da suposta mutação atrás mencionada. Aos 83 anos, o Doutor António de Oliveira continua a dar mostras de uma assinalável juventude intelectual e convival; tal como, na mesma geração de historiadores, o Doutor Jorge de Alarcão e o Doutor João Francisco Marques¹. Depois dos 2 tomos de *Pedaços de História Local* (2010, Coimbra: Palimage), surge-nos este volume de estudos originariamente vindos a lume entre 1985 e 2012.

Alguns dos outros textos editados ou reeditados reportam-se à *circunstância*, dos anos 80 para cá: por exemplo, ao evocarem-se antigos Mestres da

¹ Deixou-nos em março de 2015.

FL/UC, por ocasião de jubilações, desaparecimentos ou edições póstumas de trabalhos: acontece com os Doutores Salvador Dias Arnaut (1913-1995; pp. 303-308), Luís Ferrand de Almeida (1922-2006; pp. 309-315) ou Sérgio da Cunha Soares (1957-1998; pp. 317-327)²; acontece também em intervenções vestibulares ou de lançamento de *Actas* de reuniões científicas ou ainda de apresentação de estudos ou edições de fontes: casos de *A Mulher na Sociedade Portuguesa* (Colóquio FL/UC, 1985, pp. 355-367), *A Gênese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval* (Ciclo de Conferências Universidade Autónoma de Lisboa, 1996/97, pp. 369-377) ou de «Os Gamas de Diogo do Couto e outros Estudos» (1998)³; ou ainda de «Uma Ponte de Memória. Covilhã de 1800 a 1826» (2001)⁴ ou de «Purgatórios de Sal. Setúbal na primeira modernidade» (1999)⁵; podem também estar em causa conferências proferidas além-fronteiras, casos de «As Vésperas da Revolução Portuguesa de 1640» (1999, pp. 379-397) ou de «O Estado Português da Índia e a Restauração da Independência de Portugal em 1640. Perspectivas Historiográficas» (1995, pp. 407-428).

Outros serão, no entanto, os trabalhos de maior *sustância*. Abre o livro um longo e denso estudo sobre a Historiografia de D. Francisco Manuel de Melo (“D. Francisco Manuel de Melo, Historiador”, pp. 15-104), no que constitui a mais longa abordagem do volume às épocas em que o Autor investigativamente se consagrou.

Com toda a lógica, o Doutor António de Oliveira dá nesta Obra uma apreciável atenção à História que se foi fazendo na Instituição a que, desde os finais da década de 50, tem dado o melhor de Si próprio; inclusivamente na atenção votada à *proto-História* da Historiografia coimbrã — é o que se passa com o estudo «Antiquarismo e História em Coimbra (1850-1900)» (pp.105-199): o Autor dilucida o conceito-base patente no título (*historiador, antiquário,*

² Por evidente lapso, é indicado 1988 como ano do desaparecimento deste historiador.

³ Pp. 399-406. Está em causa a apresentação de volumes da responsabilidade dos Doutores João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva.

⁴ Pp. 329-333. Preâmbulo à ed. da tese de licenciatura do Dr. Rui Delgado.

⁵ Pp. 335-341. Preâmbulo à ed. da tese magistral da Doutora Laurinda Abreu.

arqueólogo...) e percorre sagesmente uma erudição de algum modo a arrancar na reforma pombalina da Universidade e que, para a cronologia em causa, terá expoentes como João Correia Aires de Campos (1818-1891), Augusto Filipe Simões (1835-1884), Augusto Mendes Simões de Castro (1845-1932) e, naturalmente, Joaquim Mendes dos Remédios (1867-1932) e António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (1860-1941), entre outros; e organizações como *O Instituto* e a revista respectiva (1851 ss.); sem esquecer, obviamente, a organização dos arquivos da Cidade, nomeadamente o da Misericórdia. Este texto ajuda decididamente a compreender os antecedentes da Historiografia da FL/UC, não só na Faculdade de Teologia, como noutras Escolas e Instituições da Urbe; e sem olvidar, *a latere*, o papel, já no século xx, de autores não estritamente ligados à UC⁶.

«Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra (1911-1970). Um Esboço das suas Tendências» (2011, pp. 201-284) é um dos vários textos consagrados à ALMA MATER do Autor. Estabelecem-se, como marcos a estabelecer pontos de partida e de quase-chegada, a Obra de António de Vasconcelos sobre a *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão* (primeiro exercício historiográfico de um Autor ao tempo já a meio da trintena e Mestre consagrado da Faculdade de Teologia) e a tese Doutoral de Salvador Dias Arnaut sobre *A crise nacional dos fins do século XIV*; ou seja: 1894-1960. No primeiro momento, uma conjuntura a tornar desejada a criação em Coimbra de algo como o que veio a ser a FL/UC; no segundo momento, um trabalho que é como que um último elo de uma cadeia a iniciar-se em Vasconcelos, a ele ligado por «um vasto conjunto documental (...) [que] fundamenta a investigação, reforçada em notas de rodapé», sendo a documentação inédita a espelhar a «fundamentada ventura do historiador e o honrado alicerce da sua palavra» (pp. 203-204). A data de 1960 ocorria ainda em tempo de autonomização recente da licenciatura em *História* (1957) e de uma menor resistência de CLIO à teorização; significativamente, o surgimento de uma cadeira de *Teoria da História*, com regência inicial em Coimbra por

⁶ Será o caso de Belisário Pimenta, referido, nomeadamente, em «*Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo*, recolhido por BP (1879-1969)» (2012), pp. 345-354.

Sílvio Lima (1904-1993); a viragem da década estava ainda a meio de uma série de doutoramentos de historiadores portugueses com uma concentração temporal fora do comum, de Vitorino Magalhães Godinho (1959) a A. H. de Oliveira Marques, Salvador Dias Arnaut e Avelino de Jesus da Costa (todos em 1960), a D. Fernando de Almeida (1962), a Jorge de Macedo, Eduardo Borges Nunes e António Cruz (todos em 1964). Regressando-se depois a 1911, evocam-se os antecedentes curriculares da *História* antes de 1910, nomeadamente nas Faculdades de Teologia e de Direito; e recordam-se os Mestres da primeira que transitaram para a nova Faculdade de Letras: Vasconcelos e Mendes dos Remédios (1867-1932) serão os mais conhecidos, mas mencionam-se também, no que à História diz respeito, Francisco Martins (1848-1916) e Porfírio Silva (1855-1919), surgindo no final da década a figura de Manuel Gonçalves Cerejeira (1889-1977); pelo meio, a colaboração didáctica de Mestres de outras Escolas, nomeadamente Direito. Percorre-se depois o processo de formação do Corpo Docente até à década de 50, com referências a Mário Brandão (1900-1995), Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), Damião Peres (1889-1976) e Torquato de Sousa Soares (1903-1988)⁷ para os anos 20-30, e a Salvador Dias Arnaut (1913-1995), Avelino de Jesus da Costa (1908-2000) e João M. Bairrão Oleiro (1923-2000) para os 50 (primeira metade). Assinala-se a pretensão de um ensino da *História* com uma dimensão prática e investigativa, do que a criação à partida de um Instituto de Estudos Históricos seria o instrumento interno e a ulterior configuração do Arquivo da Universidade, de Conímbriga e do Museu Machado de Castro como «laboratórios» do 4.º Grupo da 2.ª Secção da FL/UC os instrumentos externos (pp. 224-225). A questão do método, do cientismo, das influências (ou não) de Darwin, Haeckel, Comte ou Fustel de Coulanges marcam algumas das páginas subsequentes, correlativamente se mencionando posições de Emídio Garcia (1838-1904), Teixeira Bastos (1857-1902), Vasconcelos, Joaquim de Carvalho (1892-1958) ou Torquato de Sousa Soares (pp. 232-238). Positivismo *lato sensu* e sua contradição irão preencher as considerações que seguem, mencionando-se os *idealismos* de Cerejeira, Merêa e

⁷ Este em concomitância com a criação do curso de Bibliotecário-Arquivista (p. 217).

Moncada e a ulterior emergência do materialismo histórico, não necessariamente se lhe associando a investigação em História Económica e o ensino da mesma (pp. 241-246). Não deixa o Autor de referir o gosto pelas «ciências auxiliares» e o rigor minucioso da crítica das fontes; bem como a questão da escrita e da linguagem, no contexto da «secura que incomoda» (p. 258); ou a do papel da História Política e do seu predomínio, real ou suposto; ou ainda a da influência do paradigma dos *Annales* e do cultivar — ou não — da História Económica e Social, em função do conhecimento havido de autores como Henri Pirenne (1862-1935) e Marc Bloch (1886-1944), do pontual ensino, na Coimbra de finais dos anos 40, de Charles Verlinden (1907-1996) e Yves Renouard (1908-1965) e das abordagens, em texto escrito ou no seu ensino, de Cerejeira, Torquato S. Soares, Damião Peres ou Ferrand de Almeida (pp. 270-279). Naturalmente se finaliza com o virar para os anos 60, com novas referências às teses doutorais (e outros trabalhos) de Salvador D. Arnaut (v.g. sobre a «arte de comer» na Idade Média) e Avelino de Jesus da Costa, bem como a afirmação ou os inícios de carreira de José Sebastião da Silva Dias (1916-1995), Jorge de Alarcão, Mário de Castro Hipólito ou Manuel Augusto Rodrigues. E finaliza: «Embora tarde, a história nova estava a chegar, em tempo não muito longe do que se passou na Alemanha, Inglaterra ou Espanha, (...) retardada por um conservadorismo agasalhado pela política que uma nova geração, mais independente, foi trilhando como pôde e soube até a revolução de Abril empunhar o facho que desde 1911 procurava iluminar caminhos passados do Homem, cujos guiões conceptuais se tornaram cada vez mais complexos» (pp. 283-284).

Na mesma linha se situa o artigo «António de Vasconcelos (1860-1941). Esboço biográfico» (pp. 285-301). O «sempre magnífico, hierático e solene»⁸ *pai-fundador* da *Escola de Coimbra* é encarado numa perspectiva objectiva, biográfica, de ensino e produção de Obra, de cargos públicos e eclesiásticos exercidos, ao longo de uma vida que foi longa e passou por três regimes políticos; sem esquecer a caracterização da pessoa (e, nisso, com uma — porventura inesperada — *afecti-*

⁸ Moncada, Luís Cabral de (1992), *Memórias. Ao longo de uma Vida (Pessoas, Factos, Ideias)*, 1888-1974. Lisboa: Verbo, p. 209.

vidade); tudo menos *hagiografia*, para o que a figura poderia tentar. Assinale-se a elegância da prosa, de recorte, sem qualquer favor, *literário*: «possuía a serenidade e bondade apanágio dos sacerdotes» (p. 288) — é um grande Mestre a evocar um outro grande Mestre já remoto, mas que as sucessivas gerações que estudaram ou ensinaram na FL/UC dos anos 30 até, pelo menos, aos 80, retiveram⁹, circunstância que neste artigo igualmente transparece: «Cultor da amizade, da verdade, da rectidão e da obediência ao seu prelado (...). Calendarista da diocese (...) e da própria Universidade, liturgista sacerdotal e académico, ninguém como ele conhecia e sabia marcar com precisão e minúcia os ritos do fasto ou do quotidiano, o que lhe dava uma imensa vantagem na interpretação e compreensão dos temas históricos a que se dedicou» (*loc. cit.* na n. anterior). Tenham-se também em atenção duas preciosas passagens onde sinteticamente se enuncia uma concepção da História e da sua feitura: «O seu trabalho de historiador foi inicialmente marcado (...) pelas vivências culturais dos finais do século XIX, onde avulta a ideia da história como ciência (assim como a linguística), servida por um método de apuramento rigoroso dos factos. Por outro lado, as temáticas históricas que desenvolveu estão ligadas à sua formação religiosa, tomando como ponto de partida a história local eclesiástica ou universitária» (p. 290);

«A exposição rigorosa dos factos, como lei suprema do historiador» vinha já de L. von Ranke (...). AV, que conhecia bem a metodologia da história eclesiástica, não podia deixar de ser influenciado, ao decidir-se pela História, depois da Filologia, pelas correntes alemãs do seu tempo (...) e pelo positivismo, sendo este já objecto de largas contestações quando inicia as publicações maiores» (p. 292).

Finalmente, «O Local na História do Tempo Presente» (pp. 438-478) foi inicialmente uma comunicação de fundo apresentada, em Maio de 2012, ao

⁹ O autor destas linhas pôde ainda conhecer pessoalmente os Doutores Mário Brandão (1900-1995) e Salvador Dias Arnaut (1913-1995), entre outros Mestres da UC, a quem, sobre António de Vasconcelos, ouviu testemunhos, directos ou diferidos, coincidentes no essencial.

Colóquio Internacional *Cinquenta Anos de Historiografia: Balanço e Prospectiva*¹⁰. O Autor revela uma englobância de perspectivas e uma finura de análise talvez não muito vulgares, entre nós, nestes territórios; ao que acresce um à-vontade de quem — como diria Salvador Dias Arnaut — «trata por tu» uma boa pluralidade de autores recentes no domínio de diversas Historiografias e de uma pluralidade de Ciências Sociais; e assim se visitam ou revisitam questões como a da pertinência da análise do *local* em tempos de afirmação do *transnacional* e do *global*; ou a de um «território do historiador» (Le Roy Ladurie) plural em escalas e focagens; ou a da emergência do *local* nas Historiografias espanhola, inglesa ou irlandesa, no primeiro caso em concomitância com a afirmação dos «historiadores profissionais»; ou o *boom* da Historiografia universitária do nosso País a partir dos meados da década de 70. Posto o que se regressa à *Escola de Coimbra*, e aos tempos, aos contextos e aos legados de António de Vasconcelos, de Manuel Gonçalves Cerejeira, de Virgílio Correia, de Joaquim de Carvalho, de Mário Brandão, de Manuel Lopes de Almeida. Para depois se marcarem os tempos da II Guerra Mundial e as viragens da nossa Historiografia desde os anos 40, estabelecendo-se uma interessante sincronia entre a abordagem do *local*, do *rural* e do *urbano* no neo-realismo literário e a mitificação pelo regime, e numa conjuntura marcada pelo duplo centenário de 1940, d' «a aldeia ou a casa portuguesa» (p. 454). Nesta decorrência, o surgir ou o desenvolver nacional da produção historiográfica de Torquato de Sousa Soares, de Pierre David, de Virgínia Rau, de Vitorino Magalhães Godinho, de Oliveira Marques, de Salvador D. Arnaut, de Avelino de Jesus da Costa ou do próprio autor; para depois se abordar a importância do *económico-social* e do *demográfico* em contextos vários da nossa Historiografia, da década de 50 para cá. É depois o momento de abordagem do «pós-modernismo» (Portugal, 1985 ss., Boaventura de Sousa Santos, José Mattoso, António M. Hespanha) e de questões como a

¹⁰ Reunião comemorativa do meio século do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Comissão Organizadora presidida por Inês Amorim.

antropologização ou a da *micro-História*¹¹, em contextos historiográficos francês ou italiano. Tempos, espaços e escalas e a problemática da «intercepção do global com o local» (p. 476) marcam as derradeiras páginas, escrevendo-se a fechar: «A localização (...) pode vir a ser a globalização dos novos vencedores através da “globalização contra-hegemónica”, como gosta de se exprimir Boaventura de Sousa Santos. Predição de sociólogo amante de um futuro mais igual. Ficam distantes, muito distantes, os localismos de Herculano e Sardinha. O local, no entanto, perdurará com as transformações sociais e culturais que vier a sofrer e, com ele, a sua história, qualquer que seja a configuração do tempo, a qual ditará o lugar de observação do historiador do futuro» (pp. 477-478).

O Voto que o recenseador agora formula vai no sentido de que o Doutor António de Oliveira longamente continue a prodigalizar materiais como estes aos seus fiéis leitores.

«Que a bondade deste mundo nunca se esgote»

(António de Oliveira, p. 13 da Obra aqui recenseada).

ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM

almisch@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

¹¹ Questão também presente no Colóquio em causa, nas intervenções, por exemplo, de Robert Rowland ou Diogo Ramada Curto; para além, naturalmente, de outra intervenção de fundo, a de Frank Ankersmit.